

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISTAR OS GRANDES GÉNEROS – A GUERRA NO CINEMA (PARTE III)  
PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA  
3 e 8 de Novembro de 2023

GLI SBANDATI / 1955  
OS EVADIDOS

*um filme de* FRANCESCO MASELLI

*Realização:* Francesco Maselli *Argumento:* Francesco Maselli, Ageo Savioli, Prando Visconti *a partir de uma história de* Prando Visconti *Fotografia:* Gianni Di Venanzo *Montagem:* Antonietta Zita *Música:* Giovanni Fusco (*com orquestração não creditada de* Ennio Morricone) *Cenografia:* Gianni Polidori *Guarda-roupa:* Emanuela Castelbarco *Operador de fotografia:* Erico Menczer *Interpretação:* Lucia Bosè (Lucia), Jean-Pierre Mocky (Andrea), Isa Miranda (Condessa Luisa / *participação speciale*), Antonio de Teffè (Carlo), Leonardo Botta (Ferruccio), Marco Guglielmi (soldado), Giuliano Montaldo (soldado da Tuscânia), Goliarda Sapienza (Tia de Lucia), Anthony Steffen (Carlo), Ivy Nicholson (Isabella, namorada de Andrea), Giulio Paradisi, Franco Lantieri, Fernando Birri, Marco Girotti, Bianca Di Toro, Joop van Hulzen, Terence Hill, Manfred Freyberger, Bianca Maria Ferrari, Dori Ghezzi (Lisa), etc.

*Produção:* CVC (Itália, França, 1955) *Produtor associado:* Antonio Pellizzari *Cópia:* Viggo, DCP, preto-e-branco, legendada em inglês e electronicamente em português, 79 minutos *Primeira apresentação pública:* 29 de Agosto de 1955, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Maio de 1960, no cinema Olímpia (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Persiste a imagem muito branca, em plano geral, como se a paisagem se encontrasse algures com a luz e qualquer coisa que queima como o gelo. E os planos de Lucia Bosè no papel de Lucia, a rapariga de vinte anos que cruza a sua vida com a do rapaz de quase vinte anos interpretado por Jean-Pierre Mocky, Andrea, um filho sob a influência da sua mãe, terceira extraordinária personagem do filme de Francesco Maselli (1930-2023), a Condessa Luisa de Isa Miranda. Lucia firme de vida a rasar uma dureza contida, Andrea mortificado pelo bloqueio de família, de classe, uma impotência. Não é exactamente a crónica de um amor falhado entre jovens adultos, *Gli Sbandati*. É um filme às voltas com a guerra ou – assim mesmo adianta a nota de apresentação “Para além do campo de batalha” – “um filme prodigioso sobre a impossibilidade de se permanecer intocado pela guerra e pelo sofrimento. Aproximável do *Estate Violenta*, de Valerio Zurlini [1959, com Jean-Louis Trintignant e Rossi Drago] (ambos se passam em 1943, ano da invasão Aliada do território italiano)” e protagonizado pelo jovem aristocrata “que vive na sua bolha de tédio e privilégio até ao dia em que, na forma de refugiados que cruzam as suas terras e dos soldados alemães que os procuram, percebe que a indiferença é impossível”.

Mas não é o princípio, a imagem branca de névoa nem os grandes planos assombrosos de Lucia. Esse ronda, mais fosco, como no fim, a grande casa de família, e arranca a seguir num interior escurecido pelas portadas de madeira de uma janela, com o primeiro *off*: “O Verão de 1943 foi quente. Na Malga, a nossa casa de campo, os dias iam passando monótonos, mas sem tédio. Eu havia trazido todos os meus livros, os discos de jazz de Milão, e as reproduções das pinturas modernas de que tanto gostava. A minha mãe não gostava da vida no campo. Antes da guerra, só vínhamos à Malga em ocasiões especiais.” Neste momento, a câmara já percorreu o quarto, encontrou o corpo adormecido do rapaz, de quem o *off* continua a contar a história na primeira pessoa. É órfão de pai desde os onze anos, com a guerra instalou-se com a mãe naquela morada, vivendo, dessa guerra, “um eco distante e indirecto”. Na casa, naquele Verão, vivem ainda Ferruccio, o mais antigo amigo de infância, então tomado da mania do tabaco, e Carlo, o primo do narrador, filho de um chefe do partido fascista refugiado na Suíça, descrito como um tipo reservado e sério. O menino é acordado por uma velha empregada de avental branco. O primo Carlo, tem qualquer coisa de herói secreto, como nota o amigo Ferruccio a Andrea, o dito menino mas também o narrador que a voz de outro tempo apresenta grave e a imagem do flashback mostra vagamente pateta. *Gli Sbandati* corresponde ao flashback que há-de desembocar em Outubro de 1943, data convulsa da guerra em Itália. Nos primeiros minutos, vemo-los, aos três rapazes, saírem de bicicleta, depararem-se ao longe com refugiados de bombardeamentos da noite anterior – um contracampo de crua realidade ao qual Carlo se dirige, para ir levantar um telegrama aos correios. Na câmara municipal, apinhada de rebuliço, está Lucia com a família, aguardando autorização de refúgio na casa senhorial. É aí que Andrea a conhece, acedendo ao pedido.

Tais são os conflitos, as linhas de tensão de *Gli Sbandati*, a história de Andrea, que então fazia piqueniques de Verão à beira-rio, ao som dos grilos abafado pelos beijos que dava à jovem legítima namorada, talvez como ele estudante universitária. O estado aparentemente plácido do Verão muda umas noites seguintes, alguns *fade out* depois, com o som dos bombardeamentos ao longe e os gritos, ao perto, da mãe transtornada de Lucia pela perda do seu homem na guerra, uma família do povo. Já uma canção trauteara um amor a nascer, e já uma cena mostrara Andrea e Lucia num exterior bucólico, o rio ao fundo, chilreios na banda sonora, a profundidade dos problemas nos olhos baixos da rapariga, que aí verbaliza o grau de devastação a que foi sujeita a sua vida jovem. A atracção dos dois corre paralela ao conflito, ao abismo entre o mundo (socialmente protegido e desprotegido) dos dois, fatal como o destino dos últimos terríveis planos. A estrada rural por onde passam italianos e alemães, aristocratas e populares, fascistas, colaboracionistas e resistentes, há-de ser caminho de fuga e chão de terra para dois corpos fulminados. Também é *um verão violento*, o destas duas personagens separadas por posições face a quase tudo. Nesta história italiana de colaboração e resistência o Verão entra pelo Outono, letal e lancinante, para Andrea, um condenado à vida.

A personagem de Andrea arrisca a cobardia de passar ao lado do que se passa, é a que vacila, ao contrário de Lucia, em última instância perdendo-se dela. Se o filme se constrói na dicotomia de diversos balanços, evocando ritmos da natureza, de vida, de travessia do tempo de guerra, as personagens dos dois jovens encarnam o espectro das contradições. As restantes compõem o duro retrato, as mães de Andrea e Lucia reflectem-se em abissal diferença – mesmo que a Condessa de Isa Miranda tenha um papel mais preponderante, para desgraça de todos –; as dos dois rapazes que acompanham o Verão de Andrea alinham pelas figuras do fascista-colaboracionista-traidor e do idealista-resistente. Como o *Estate Violenta* de Zurlini, anos depois, abordando o mesmo momento histórico do início do fim do fascismo italiano, o filme de Maselli afirma, em 1955, como *a guerra ali estava*. Mesmo quando, antes da invasão de todo o espaço pelo sofrimento, a sua crueza convive com a vitalidade da natureza, da paisagem, dos corpos disponíveis. E pondo em perspectiva a questão do colaboracionismo italiano com os alemães durante a II Guerra, uma ferida ainda muito aberta em 1955. *Gli Sbandati* é um filme magoado de coragem.

Uma nota mais: foi Jorge Silva Melo quem, em 2020, para uma “carta-branca sem receita” na Cinemateca, programou *Il Sospetto* (*O Suspeito*, 1975) de Francesco Maselli, filiando-o como um dos seus, e a esse filme como uma das referências de *Passagem ou a Meio Caminho* (JSM, 1980). Austero, revisitando os anos 1930 do fascismo, a resistência, exílio, traições, *Il Sospetto* faz parte do núcleo político dos anos 1970 de Maselli. É um dos títulos mais divulgados da sua obra, hoje nem por isso muito conhecida. *Gli Sbandati* é outro deles e um título em linha com o percurso do realizador do pós-guerra italiano, marcado pela experiência da II Guerra que viveu como adolescente politicamente empenhado, numa União dos Estudantes Italianos, e no PCI, de que foi afiliado entre 1948 e 1991. Uma brevíssima biografia tem de mencionar que, filho do crítico de arte Ercole Maselli, irmão da artista plástica Titina Maselli cujas telas os espectadores portugueses conhecerão da exposição na Mãe d’Água lisboeta de *Ninguém Duas Vezes* (JSM, 1984), Maselli estudara cinema, licenciando-se em 1949, e fora assistente de Antonioni ou Visconti, além de realizar uma série de curtas documentais. A estreia em Veneza de *Gli Sbandati* foi sucedida de novo “bom momento filmográfico”, com *I Delfini* (1960) e *Gli Indiferenti* (*Os Indiferentes*, 1964), ambos com Claudia Cardinale. Mas antes ainda, a estreia na ficção dá-se com *L’amore in città* (*Retalhos da Vida*, 1953), o filme-antologia em seis segmentos de Carlo Lizzani, Dino Risi, Michelangelo Antonioni, Federico Fellini, Cesare Zavattini e Francesco Maselli, Alberto Latuada: Maselli co-assina com Zavattini, *Storia de Caterina*, construído com Caterina Rigoglioso no papel da jovem mãe perdida nas ruas de Roma, isto é, o papel de si mesma num momento da sua vida passada. Ficou como “um caso extremo de neo-realismo” ensaiando o que Zavattini, mentor do projecto colectivo, exprimiu como uma tentativa de “anular a diferença entre a vida e o que é transposto para o ecrã”. De *Gli Sbandati*, Maselli diria ser de um filme em que procurara “mostrar-se fiel e coerente com o rumo realista, sem mais especificações ou objectivos, que procurei seguir nos meus mais recentes documentários e em *Storia de Caterina* que não deixo de considerar um pouco como o meu primeiro filme pelo contacto com uma personagem, uma história, sentimentos” (“Atto di coerenza”, dirigido a Guido Aristarco na revista *Cinema Nuovo* de 10 de Dezembro de 1954). Personagens, uma história, sentimentos, em fidelidade de rumo realista, e uma visão de cineasta, no caso de *Gli Sbandati*.